

## As camadas estilísticas: análise do estilo na divulgação científica no facebook

**MODOLO,**  
**ARTUR DANIEL RAMOS**  
adrmodolo@gmail.com

Mestre e Doutorando pela Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa; Integrado no programa de Doutorado Sanduíche na Queen Mary University of London, School of Language, Linguistics and Films

**PALAVRAS-CHAVE:**  
estilo;  
*Facebook*;  
divulgação científica;  
estudos da Internet;  
Bakhtin.

**RESUMO:** A proposta central do presente artigo é apontar as transformações estilísticas ocorridas durante a inserção da divulgação científica em redes sociais, especialmente no *Facebook*, nosso objeto de análise. Para atingir tal objetivo, examina-se enunciados oriundos das páginas das revistas, *Scientific American Brasil* e *Superinteressante* nessa rede social. Tal seleção visa contemplar dois diferentes tipos de produção de divulgação científica, resultando, do ponto de vista bakhtiniano, em diferenças discursivas e estilísticas. A partir do exame da obra bakhtiniana, três camadas estilísticas são mobilizadas para embasar a análise qualitativa de nosso objeto de análise: i) o estilo em seu contexto sócio-histórico; ii) o estilo do gênero e iii) o estilo intersubjetivo. Como resultado da presente análise, verifica-se como elementos relacionadas ao horizonte social e possibilidades infraestruturais – recursos multimodais e tecnológicos presentes no *Facebook* – acarretaram mudanças de estilo em comparação com suportes mais tradicionais (revistas, jornais). Antes da popularização da Internet para uso doméstico, as revistas de divulgação científica propiciavam apenas um espaço delimitado de interação verbal entre publicação-leitor em suas revistas impressas. Dessa forma, a possibilidade de interação estava basicamente restrita ao gênero do discurso “carta do leitor”. Por outro lado, após o crescimento da Internet, a interação se diversificou. Em redes sociais como o *Facebook*, a interação verbal se materializa principalmente pelo uso de comentários, nos quais se verificam a pluralidade de estilos. Por fim, analisa-se a maneira pela qual a produção verbal na divulgação científica, tanto dos leitores, quanto dos divulgadores, constitui-se por variados gêneros e, conseqüentemente, estilos de gêneros diversos. Os leitores, por sua vez, podem interagir verbalmente com maior liberdade e variedade de conteúdo e estilo, os divulgadores da ciência tendem a utilizar um grau ainda maior de material visual nas publicações digitais.

**KEYWORDS:**  
style;  
*Facebook*;  
popular science;  
Internet studies;  
Bakhtin.

**ABSTRACT:** The main purpose of this article is to point out the stylistic changes that have occurred during the insertion of popular science pages on social networking sites, especially on Facebook, our object of

analysis. In order to achieve this goal, we analyzed statements posted on the pages of the magazines *Scientific American Brasil* and *Superinteressante* on this social network. This study aims to encompass two different types of popular science magazines, resulting from a Bakhtinian point of view, discursive and stylistic differences. From observations of Bakhtin's work, three stylistic layers are mobilized to support the qualitative analysis of our object of analysis: i) the style related to sociohistorical context; ii) the style of the genre and iii) the inter-subjective style. As a result of this analysis, elements related to social horizon and infrastructural possibilities - multimodal and technological resources present on Facebook - led to changes in style compared to more traditional media (magazines, newspapers). Before the popularization of the Internet in daily life, the popular science magazines had only a limited space of verbal interaction between publication and reader on their printed magazines. Thus, the possibility of interaction was basically restricted to the speech genre "reader letter." Moreover, after the growth of the Internet for home use, the possibilities of interaction have grown. On social networking sites such as Facebook, verbal interaction is materialized mainly by the use of comments in which there is a plurality of styles. Finally, we analyze the way verbal production on science communication, both from readers and magazines is constituted by different genres and styles. Readers may verbally interact with greater freedom and variety of content and style, the popular science on Facebook tend to use an even higher degree of visual material on digital publications.

*“Os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem. Nenhum fenômeno novo (fonético, léxico, gramatical) pode integrar o sistema da língua sem ter percorrido um complexo e longo caminho de experimentação e elaboração de gêneros e de estilos”.*  
(BAKHTIN)

## 1. INTRODUÇÃO

O crescente e incessante uso de inovações tecnológicas é uma das características mais emblemáticas da contemporaneidade. Transformações no desenvolvimento de novos modelos de *smartphones*, melhorias na conexão da Internet móvel e fixa, processadores cada vez mais velozes são periodicamente produzidos e consumidos pelo igualmente ascendente número de usuários das novas tecnologias. O complexo horizonte social resultante dessas transformações possibilita uma série de reflexões em relação aos resultados da contemporaneidade, ao papel da ciência, às mudanças infraestruturais de origem tecnológica etc. Uma série de pontos de vistas e consequências de tais alterações são escrutinizados por filósofos, cientistas sociais, economistas entre outros saberes. No campo acadêmico, áreas de estudos foram desenvolvidas para refletir tais mudanças, dentre elas as humanidades digitais que agrupam estudiosos de diversas disciplinas: história (Poe, 2011), arte (Vaughan, 2005), filosofia (Frissen, 2015), literatura (Munari, 2011), entre outros.

Diante de tal panorama, o presente artigo visa contribuir com reflexões direcionadas para a área da linguagem, mais especificamente para os estudos discursivos. Optou-se por assumir uma perspectiva bakhtiniana como orientação teórico-metodológica para guiar as análises feitas no presente trabalho. Tal opção resulta na tentativa de aliar importantes contribuições para os estudos da linguagem feitas pelo Círculo de Bakhtin com os mais recentes desdobramentos sociais, discursivos e linguísticos resultados da Internet e da cultura digital. Ressalta-se que tal

esforço teórico-metodológico é, em certa medida, uma sequência da minha pesquisa de mestrado (Modolo, 2012), na qual foi possível perceber que os resultados teórico-metodológicos do Círculo de Bakhtin são passíveis de serem empregados em estudos da Internet e do meio digital de forma satisfatória. Ademais, outros pesquisadores como Machado (2013) e Nelson & Hull (2008) utilizaram tal teoria para refletir acerca de fenômenos linguísticos e discursivos por um prisma bakhtiniano.

Afirmamos, sobretudo, que além de ser possível a viabilização da teoria bakhtiniana para tais estudos, novas contribuições e acréscimos teórico-metodológicos são possíveis de serem produzidos. É evidente que uma teoria inicialmente formulada, na sua maior parte, durante a primeira parte do século XX, não estaria completamente pronta para embasar estudos sobre redes sociais, hipertextualidade e gêneros digitais. Sendo assim, a primeira contribuição do presente artigo é promover análises que conciliem a ampliação e aplicação da teoria bakhtiniana com os estudos de enunciados produzidos nos meios digitais. A segunda contribuição visada por nosso artigo é a compreensão das especificidades estilísticas da divulgação científica em uma rede social como o *Facebook*, fator que obviamente acarretará contrastes com outras formas de divulgação científica mais tradicionais, a saber, revistas e jornais. Para a compreensão de diferentes componentes estilísticos, avaliaremos suas implicações em três diferentes camadas: i) a relação do estilo com aspectos contextuais; ii) o estilo do gênero; iii) o estilo intersubjetivo. É preciso mencionar que não é possível analisá-las de forma completamente estanque, pois as três camadas apresentam porosidade e influências mútuas, por essa razão a análise tem início da camada mais ampla (horizonte social), até chegar a mais concisa (intersubjetiva), sempre buscando conectar as relações entre elas.

## 2. PRIMEIRA CAMADA: A INFLUÊNCIA DO HORIZONTE SOCIAL EM QUESTÕES ESTILÍSTICAS DA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

O estudo do estilo tradicionalmente foi associado aos estudos literários. Para melhor compreender as nuances dessa ligação é necessário examinar a maneira pela qual o estilo se consolidou como um dos elementos presentes nos diferentes gêneros literários. O exame dos gêneros literários nos remete a uma longa tradição desde a Grécia Antiga. Platão no terceiro livro d'A *República* formula um estudo dos gêneros literários no qual estabelece diferenças entre três modalidades (a narrativa simples, a imitação/mimese e a forma mista). Aristóteles elabora uma diferente classificação dos gêneros literários na *Poética*. Para o filósofo, os gêneros literários são imitação (narrativa ou dramática) e devem ser classificados de acordo com o caráter dos homens representados: a tragédia e os poemas épicos, como os de Homero, eram gêneros de caráter elevado, pois neles se imitavam os homens melhores que os comuns; as obras de Cleofonte continham homens médios (semelhantes ao homem comum); e as paródias e comédias eram compostas de homens inferiores.

Entretanto, é preciso salientar que Aristóteles extrapolou os limites da esfera literária em suas reflexões relacionadas à linguagem, tanto nas observações sobre as categorias no *Órganon*, quanto na *Retórica* ao empregar os conceitos de gêneros retóricos (deliberativo, judiciário e epidítico) e o de *lexis*, traduzido ora por estilo, ora por elocução (Pereira, 2008, p.27), conceito utilizado nos estudos poéticos e retóricos do filósofo. O estudo dos gêneros se concentrou durante séculos na tradição dos estudos literários e retóricos. Durante o período do domínio romano, a tradição dos filósofos gregos se refletiu em Horácio, a obra *Ars Poética* (Arte poética) é um exemplo no qual o gênero literário é determinado por temas e metrificação de acordo com a tradição formal, isto é, seguindo a conveniência de um estilo e de uma métrica.

Dessa forma, a influência do período clássico refletiu também nos séculos seguintes com Horácio e, a partir do Renascimento, o retorno à filosofia grega fez com que Aristóteles e sua

tradição dos estudos dos gêneros fosse retomada. Ao longo dos séculos autores da retórica clássica, entre eles, Cícero (*Retórica a Herênio*), Quintiliano (*Doutrina oratória*) e Santo Agostinho (*Confissões*), compuseram obras consideradas marcantes não somente por seus contemporâneos, como também futuramente para a retórica medieval, sendo Santo Agostinho um autor marcante nessa transição. Mesmo ao abarcar apenas dois dos campos possíveis de estudo dos gêneros, os estudos retóricos e literários concentraram a atenção dos estudiosos do gênero e do estilo durante esse longo período da tradição.

O fôlego de tal tradição ainda encontrava ecos séculos mais tarde na Rússia. Durante a transição do século XIX para o século XX, os formalistas elaboraram uma teoria que visava dar moldes científicos aos estudos literários e, por consequência, ao estilo literário. Os formalistas russos criaram uma prestigiada teoria que tinha por objetivo a busca de características da linguagem literária que não necessitassem de vínculos com a psicologia, história, filosofia, sociologia e outras ciências e estudos das humanidades. Bakhtin (1998) observou que

construir um sistema de juízos científicos sobre cada arte, e no caso em questão, sobre a arte literária, *independentemente dos problemas da essência da arte em geral*: essa é a tendência dos trabalhos contemporâneos de poética (p.15).

Assim, a literatura era analisada pelos formalistas estritamente pelos seus aspectos literários, fazendo com que a busca de uma essência puramente literária fosse um dos focos de análise dos teóricos membros dessa corrente crítica. Tal essência literária iria opor um estilo literário e singular ao estilo da linguagem comum e banal. A busca por tais elementos artísticos e literários fez com que os formalistas também dissociassem a literatura e arte de seus aspectos sociais. Um dos autores mais proeminentes da escola formalista russa foi Chklovsky que concebeu a arte como uma “soma de dispositivos” literários e artísticos dos quais o artista se servia para criar suas obras de arte.

Todo o trabalho das escolas poéticas não é mais que a acumulação e revelação de novos procedimentos para dispor e elaborar o material verbal, e este consiste antes na disposição das imagens que na sua criação (Chklovski, 1970, p.41).

Houve uma importante mudança nesse campo de estudos a partir de autores e grupos acadêmicos que ampliaram os limites dos estudos estilísticos para outros campos de atividade humana. No início do século XX, grupos como o Círculo Linguístico de Praga e o Círculo do Bakhtin criticaram a separação entre a arte, especialmente a literatura, da linguagem em geral. A escola tcheca de Praga, especialmente Mukarovsky, apesar de terem sido influenciados pelo estruturalismo linguístico e dialogarem com o formalismo russo, buscou relações entre arte e literatura com outros domínios da cultura e fenômenos sociais (Fontaine, 1978). O Círculo de Bakhtin, por sua vez, produziu conceitos como o de interação verbal e de relações dialógica que, de forma mais ampla, possibilitam a relação entre a diversidade discursiva e as mudanças constantes da língua com o contexto histórico e as alterações ocasionadas nos percursos de cada esfera de atividade humana. O contexto sócio-histórico, econômico e cultural alteram, portanto, não somente as formas de interação verbal, como refletem também no estilo e nos gêneros empregados na miríade de enunciados empregados pelos agentes sociais. Há, portanto, um forte enlace entre as mudanças de cada campo e a linguagem em suas mais diversas matizes. O horizonte social é essencial para que essas nuances linguístico-discursivas de cada uma das esferas sejam efetivamente compreendidas. Não há esfera nas sociedades ocidentais que tenha permanecido completamente inerte às mudanças no decorrer dos últimos séculos, sendo assim, considerar o panorama histórico delas na contemporaneidade acrescenta novas perspectivas capazes de auxiliar na interpretação dos enunciados produzidos por cada um dos campos.

Na maior parte dos casos, é preciso supor (...) um certo horizonte social definido e estabelecido que determina a criação ideológica do grupo social e da época a que pertencemos, um horizonte contemporâneo da nossa literatura, da nossa ciência, da nossa moral, do nosso direito (Bakhtin; Volochinov, 2010a, p.115).

Em outras palavras, de acordo com os autores, o campo é determinante para as condições e finalidades ligadas ao tema, ao estilo da linguagem, recursos lexicais, fraseológicos, gramaticais etc. A partir de tal perspectiva é possível adentrar com maior fôlego no problema da relação

entre esferas e estilos, assim como de outros conceitos relevantes para teoria bakhtiniana no decorrer do artigo, ainda assim é necessário antecipar que os gêneros do discurso e os estilos desses gêneros estão inseridos na compreensão dos diversos campos de atividade humana. Por consequência, gêneros e estilos são multiformes assim como as esferas das quais são produtos.

A partir de mudanças ocorridas na sociedade, o horizonte sócio-histórico possibilitou que, quanto maior fosse o desenvolvimento e grau de complexidade das esferas de atividade humana, houvesse um maior desenvolvimento de gêneros e transformações estilísticas. Assim, como resultado da modernidade, uma série de esferas, como a artística, propiciou significativa possibilidade de expansão para novos gêneros que ainda não estavam previstos na estética e cotidiano pré-moderno (os gêneros romanescos, por exemplo, típicos da era burguesa). Essas transformações, deve-se ressaltar, tiveram reverberações nos temas, composição e estilo dos gêneros. A análise do estilo e dos gêneros deixa de ser apenas do domínio literário e retórico e passa a ser estudado em outros campos da linguagem. A divulgação científica, nosso objeto de análise, reflete transformações de outras esferas como a pedagógica, científica e jornalística. Tal conexão entre as esferas e a divulgação científica se deve ao fato da divulgação científica ser uma espécie de relação dialógica entre a ciência e outras esferas culturais.

A divulgação científica é uma modalidade de relação dialógica em que a esfera científica entra em contato com outras esferas culturais. Em seguida, nesse diálogo as esferas saem enriquecidas: por um lado, a esfera científica submete seus saberes a uma avaliação crítica bem como passa a fazer parte dos valores culturais gerais e, por outro, as demais esferas ampliam-se com a incorporação de elementos da concepção de mundo científica (Grillo, 2013, p. 53).

Para a elaboração de análises da divulgação científica, certamente uma das esferas que exercem maior influência é a esfera jornalística responsável pela transmissão dos enunciados em revistas, jornais e mídias sociais na Internet. Em relação a tal esfera de atividade humana, Lipovetsky (2000) afirma que parte das mudanças ocorridas em jornais, revistas e em setores da arte, sobretudo no referente ao uso do humor para criação de um “estilo descansado e ino-

fensivo” relacionado ao entretenimento, deixando a criticidade de lado e se dedicando a um leitor-consumidor de notícias. Nas palavras do autor,

os panfletos violentos perderam sua preponderância, os cantautores já não estão mais na moda; tem surgido um novo estilo descansado e inofensivo, sem negação, nem mensagem, característico do humor da moda, da escrita jornalística, dos jogos radiofônicos, da publicidade dos *comics*. O cômico, longe de ser a festa do povo ou do espírito, converteu-se em um imperativo social generalizado, em uma atmosfera *cool*, um entorno permanente que o indivíduo sofre até na sua cotidianidade (Lipovetsky, 2000, p.137)<sup>1</sup>.

1. Tradução livre de: Los panfletos violentos perdieron su preponderancia, los cantautores ya no están de moda; ha surgido un nuevo estilo desenfadado y inofensivo, sin negación ni mensaje, característico del humor de la moda, de la escritura periodística, de los juegos radiofónicos, de la publicidad de muchos comics. Lo cómico, lejos de ser la fiesta del pueblo o del espíritu, se ha convertido en un imperativo social generalizado, en una atmósfera cool, un entorno permanente que el individuo sufre hasta en su cotidianidad.

De qualquer modo, há indicativos de que tal fenômeno de abertura ao entretenimento já seja algo consolidado na esfera jornalística. Os produtos midiáticos adquirem novos contornos, tanto na esfera do jornalismo quanto do entretenimento, dimensões estas cada vez mais entrecruzadas na manifestações da mídia. (Künsch, 2009 p.5). Há uma aproximação tão grande entre as duas áreas que Künsch emprega o verbo “entrecruzar” para descrever a ligação existente. A crescente publicação de artigos e livros referentes à temática demonstra não apenas o crescimento da reflexão acerca do tema, como também as importantes consequências de se ter um jornalismo “menos sério”, ou que se confunda com o entretenimento. O “duelo” que há pela atenção do leitor-expectador-internauta é algo que influencia diretamente na linguagem jornalística: estilo, tema e forma composicional. Por se tratar de um tema que envolve o lado mais passional do público, o jornalismo esportivo é uma das áreas na qual tem sido questionado de forma pioneira e mais intensa as fronteiras entre jornalismo e entretenimento e, em qual medida, esse liame afeta a qualidade das publicações. Kfoury (2006), faz a ressalva de que, embora seja discutível os limites do entretenimento no jornalismo, isso não faz com que o uso do humor, de um estilo mais prosaico comprometam automaticamente a credibilidade da notícia, ou o teor crítico do jornalismo. Segundo o autor,

supor que o jornalismo esportivo deva ser voltado apenas ao entretenimento, ao descanso do ouvinte já tão cansado pelas agruras do dia-a-dia, é apenas escapismo em busca do não-comprometimento. Porque a função do jornalista é muito mais mostrar o que está errado do que aplaudir o que está certo, embora, é claro, uma

coisa não impeça a outra. E fazer jornalismo esportivo com seriedade não é, necessariamente, fazê-lo sem bom humor (Kfoury, 2006, p.105).

Se em áreas como o jornalismo esportivo o espaço para o entretenimento é problematizado, em outros temas como política e economia ocorrem ainda mais questionamentos a tal mescla. Ainda assim, gradativamente é possível verificar que o jornalismo tem mudado, como ressaltamos na sessão anterior, seja pela alternância com notícias de temas mais cotidianos, pelo estilo mais informal, ou ainda por uma menor densidade das notícias (períodos menores de fácil leitura ao leitor, parágrafos curtos, menor detalhamento do conteúdo *etc.*).

A esfera jornalística é extremamente relevante na sociedade contemporânea, como afirmamos previamente, sobretudo pelo grau de importância que as informações possuem na sociedade contemporânea. Na obra *Teorias da sociedade da informação*<sup>2</sup>, Frank Webster faz menção a diversos filósofos e sociólogos que debateram a contemporaneidade, entre eles: Baudrillard, Giddens, Habermas, Harvey *etc.* demonstrando que, embora todos esses autores empreguem uma classificação heterogênea para pensar o período “pós-moderno” ou “pós-industrial” e se debruçassem sobre questões distintas (a esfera pública em Habermas; a acumulação flexiva em Giddens, a pós-modernidade em Baudrillard), todos eles parecem coincidir em relação à relevância que a informação adquire, na avaliação do autor, uma valorização sem precedentes “a partir do final do século XX e início do século XXI” (Webster, 2006, p.7).

Entre os possíveis paralelos possíveis de serem traçados entre as duas esferas, a primeira semelhança que merece ser citada entre ciência e jornalismo é a busca da “objetividade”. Tal desejo, de ambas as esferas, de serem “objetivas” irá se refletir em outras qualidades teoricamente “desejáveis” para as duas atividades humanas, como a busca pela “verdade”, dos “fatos” e da “imparcialidade”. Esses são elementos em comum capazes de demonstrar uma determinada afinidade entre o fazer científico e jornalístico. Eles ecoam nas revistas analisadas – *Superinteressante* e *Scientific American Brasil* – por mais que o intuito de tais revistas seja popularizar

2. Tradução livre de *Theories of the information society*.

a ciência e produzir enunciados compreensíveis para o grande público que está fora da esfera científica, há um compromisso de publicar informações verdadeiras. Tais características, entretanto, passam a ser cada vez mais intensamente debatidas e questionadas pois, assim como na esfera científica, há a problematização de questões como a influência do ponto de vista, de ideologias etc. Cada vez mais, parte dos valores supramencionados deixam de ser finalidades últimas de jornais, revistas e telejornais, que também buscam um apelo emotivo, flexibilizando tanto o uso dos gêneros, quanto no estilo, uso de imagens e temas.

*A mass media* por detrás de sua objetividade superficial, as informações jogam com a emoção (...) Inclusive as publicações sérias se deixam arrastar por essa moda: basta ler os títulos dos periódicos, as revistas e inclusive os artigos científicos ou filosóficos. O tom universitário dá lugar a um estilo mais dinâmico feito de sacadas e jogos de palavras <sup>3</sup>(Lipovetsky, 2000, p.136).

3. Mass media: bajo subjetividad de superficie, las informaciones juegan com la emoción (...) Incluso las publicaciones serias se dejan arrastar por esa moda: basta con leer los títulos de los periódicos, las revistas, e incluso los artículos científicos o filosóficos. El tono universitario deja paso a un estilo más dinámico hecho de guiños y juegos de palabras.

Até o presente momento analisamos a primeira camada, na qual foi possível perceber influências do contexto contemporâneo sobre as esferas científica e jornalística. A partir das reflexões bakhtinianas, verificou-se como as influências sócio-históricas ecoavam no estilo de enunciados produzidos por tais esferas. Na próxima seção analisaremos o papel da segunda camada que está relacionada com o gênero e suas influências nas questões estilísticas. Ademais, verificaremos a sinergia entre as duas primeiras camadas.

### **3. SEGUNDA CAMADA: O ESTILO DOS GÊNEROS NA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NO FACEBOOK**

O estilo está intimamente relacionado com os gêneros do discurso. O estilo de um gênero é uma das áreas fundamentais das análises poéticas e críticas literárias, pois nelas se debatem questões referentes ao estilo dos romances, poemas e peças, assim como suas variações. O romance gótico, por exemplo, em contraste com o romance realista, demonstra a capacidade de variações que alguns gêneros apresentam e as possibilidades desses gêneros adquirirem novas nuances estilísticas mediante influências da primeira camada estilística. Em outras palavras,

mudanças na sociedade podem resultar não apenas na criação de novos gêneros, como também em alterações dos gêneros já existentes. O romance é um exemplo relevante pela sua capacidade de, nas palavras de Bakhtin, *intercalar* outros gêneros no decorrer de sua totalidade. Um dos exemplos de gêneros intercalados é o romance epistolar no qual as correspondências entre personagens e heróis desempenhavam um papel significativo. Sendo assim, em um romance do século XXI os personagens podem trocar mensagens de SMS (*short message system*), utilizar abreviações e *emoticons*, entre outras formas típicas deste gênero no decorrer do romance, algo impossível de ocorrer antes da criação e popularização dessa tecnologia. Bakhtin (1998a) contrasta as possibilidades do estilo romanesco em incorporar estilos provenientes do plurilinguismo e polifonia com o estilo poético. O romance, ademais de poder intercalar diversos gêneros e estilos, também possibilitava o eco polifônico e plurilinguístico oriundos da diversidade socioeconômica e cultural.

É claro que nenhum poeta que tenha existido historicamente como um homem envolvido pelo plurilinguismo e pela polifonia vivos não poderia ignorar esta sensação e esta atitude para com a sua língua (em maior ou menor grau); mas elas não poderiam encontrar lugar no *estilo poético* de sua obra sem destruí-lo, sem vertê-lo ao modo da prosa, sem transformar o poeta em prosador (Bakhtin, 1998a, p.93).

Uma série de gêneros no decorrer das últimas décadas ganhou espaço na vida cotidiana e profissional das pessoas: *e-mails*, blogues (*blogs*), bate-papos (*chats*) etc. O surgimento desses gêneros se deve, sobretudo, às possibilidades tecnológicas resultantes dos desenvolvimentos econômicos e históricos. Por outro lado, não se pode dizer que tais gêneros tenham uma homogeneidade estilística. É verdade que a Internet popularizou o conceito do “internetês”, mas tampouco esse seja um estilo passível de ser adotado adequadamente em todos os gêneros digitais presentes na Internet. Em um *e-mail* enviado a um patrão, o subordinado provavelmente preferirá adotar um estilo capaz de manter a formalidade como manifestação de respeito, evitando gírias da Internet, bem como abreviações excessivas, letras minúsculas em início de oração etc.

De uma forma mais abrangente, verifica-se que tais conceitos estão todos relacionados com o de esfera/campo. Nas reflexões de Bakhtin (2010c), “todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem” (p.262). Tal elo é de vital importância para a compreensão da materialização da linguagem na vida concreta. Nessa perspectiva, a linguagem é compreendida não como uma expressão individual de sujeitos que exteriorizam seu interior por meio desta (subjativismo individualista), tampouco como decorrente de um sistema sincrônico que não corresponde à língua em seu ineditismo contínuo (objetivismo abstrato), mas como um fator decisivo que permeia as interações verbais e possibilitam que todos os campos de atividade humana possam exercer suas mais diversas atividades. Em gêneros digitais, há similar influência da esfera. *Chats*, por exemplo, podem variar em estilo em caso de ser um *chat* de atendimento ao cliente, contrastando em diversos aspectos com um *chat* convencional em um portal da Internet ou em rede social.

Os gêneros digitais mais utilizados nas páginas de divulgação científica são basicamente: i) postagem (*post*); ii) capa (*cover*) e iii) comentários (*comments*<sup>4</sup>). Cada um desses gêneros possui especificidades, como preponderância de conteúdo verbal, visual, sincretismo etc. Analisaremos, primeiramente, o gênero e o estilo da postagem, assim como sua composição e especificidades do material publicado pela revista *Superinteressante* em sua página na rede social.

4. Nota do autor: O idioma original do *Facebook* é o inglês e a tradução das operações básicas da página foram feitas por usuários voluntários, por essa razão utilizamos ambas as formas. Doravante utilizar-se-á apenas a versão portuguesa dos termos.

**S** **Revista Superinteressante**  
September 27, 2014 · 🌐

Veja a resposta na Revista Mundo Estranho: <http://abr.ai/1rqh1Ce>



**O pênis pode "quebrar" quando está duro? - Mundo Estranho**  
MUNDOESTRANHO.ABRIL.COM.BR | BY EDITORA ABRIL

Like · Comment · Share

👍 775 people like this. [Top Comments](#) ▾

↪ 193 shares

Ilustração 1: Imagem e humor na *Superinteressante*

5. A revista *Superinteressante* possui mais de 3 milhões de seguidores na rede. Fonte: <https://www.facebook.com/Superinteressante/?fref=ts> (Acesso em 20 de junho de 2016)

A ilustração 1 revela características da intenção discursiva da revista *Superinteressante*, entre eles o enfoque em temas relacionados à curiosidade do grande público leitor<sup>5</sup>. Ademais, a ciência é empregada como um discurso de autoridade que embasa e dá verniz científico aos enunciados publicados “é o que diz a ciência”. Entretanto, o próprio conteúdo visual muitas vezes demonstra diferenças de finalidades, na imagem acima há uma evidente intenção de gerar humor por uma analogia visual entre o pênis quebrado e o pepino partido. Possenti (1998) aponta que o humor é frequentemente gerado por duplos sentidos oriundos de jogos de palavras, estes podem ser sintáticos, de variação linguística, fonológicos *etc.* No caso da ilustração 1 é possível, em nossa interpretação, ampliar a formulação de Possenti (1998) para o aspecto visual, pois nele também há uma tentativa de efeito humorístico pelo duplo sentido produzido pelo formato fálico do pepino partido relacionado com o tema da pergunta sobre a “possibilidade do pênis quebrar”. O efeito humorístico é gerado pela ambiguidade visual, mas em termos didáticos não há contribuição para a compreensão da matéria. Em muitos casos como em gráficos, esquemas e tabelas há ampliação verbo-visual condensando ou acrescentando dados extras ao conteúdo verbal. Em muitos casos, no *Facebook*, as imagens podem apenas acompanhar o texto. Tal fenômeno pode revelar uma intensificação do uso desconexo de imagens em revistas de divulgação científica relatado por Grillo (2013), nas quais

as imagens (...) geralmente são elaboradas por outros sujeitos-autores, retiradas de livros, feitas por ilustradores especialmente para acompanhar o texto *etc.* A autoria distinta pode estar na origem de conflitos entre as dimensões verbal e verbo-visual. Do ponto de vista do receptor, as imagens são lidas conjuntamente com os aspectos verbais (títulos, legendas, olho *etc.*), constituindo-se em um primeiro nível de leitura que pode não ser seguido pela leitura do texto integral. Com isso, os aspectos verbo-visuais da configuração das páginas das revistas podem assumir uma autonomia relativa em relação ao restante da reportagem (Grillo, 2013, p. 144).

Na ilustração 1 verifica-se igualmente há ocorrência do humor no jornalismo, algo que já havia sido anunciado por Lipovetsky, demonstrando materialmente a influência de aspectos extralinguísticos no estilo do gênero. Ademais, também se verifica os interesses comerciais por trás do uso de revistas de divulgação científica no *Facebook*. Em sua postagem na rede, a

MODOLO, ARTUR DANIEL RAMOS; AS CAMADAS ESTILÍSTICAS:  
ANÁLISE DO ESTILO NA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NO FACEBOOK  
REDIS: REVISTA DE ESTUDOS DO DISCURSO, Nº 5, ANO 2016, PP. 119-146

*Superinteressante* faz menção à outra revista do mesmo grupo editorial através de um hipertexto para a página da revista *Mundo Estranho*. Destacamos a capa da página como outro gênero utilizado pelas revistas de divulgação científica no Facebook. Inicialmente, o *Facebook* não contava com essa imagem nas páginas pessoais, institucionais ou comerciais, mas a partir de uma das atualizações da rede, ela passou a ser empregada não somente por usuários comuns, como por parte considerável das páginas de empresas, artistas, órgãos da imprensa, etc.



Ilustração 2: Capa da *Scientific American Brasil*

As publicações de capas no *Facebook* podem ter diferentes finalidades, assim como a imagem de perfil. As imagens de perfil das páginas de divulgação selecionadas como *corpus* de análise empregam o próprio logo da publicação no espaço dedicado para essas imagens. Ademais, como se verifica na ilustração 2, é comum que utilizem as imagens de capa para fazer divulgação dos novos números publicados pela revista e dos temas relevantes divulgados na capa, nesse caso a “Evolução, a saga humana” foi a publicação da *Scientific American Brasil* no mês de outubro de 2014. Apesar de não haver uma periodicidade definida de antemão para alteração da capa no *Facebook*, elas tendem a acompanhar as novas publicações das bancas de jornal, sendo alteradas normalmente mês a mês. Ademais, outro fator em destaque é a ausência de conteúdo verbal no setor normalmente dedicado a ele disposto acima do conteúdo visual. No caso da imagem de capa identificada na ilustração 2, o conteúdo verbal só está disposto em conjunção com o restante da figura. Nela também é exposta uma imagem em miniatura da capa da *Scientific American Brasil* e os locais em que se pode fazer uma compra online da nova edição da revista (zinio e loja segmento). É possível ressaltar a motivação econômica das páginas de *Facebook* na publicação de material na rede e assim possibilitando ampliar o número de pessoas com as quais se comunicam e, conseqüentemente, aumentando o público leitor e o papel social das revistas na realidade mais ampla.

Qualquer enunciado concreto é um ato social. Por ser também um conjunto material peculiar - sonoro, pronunciado, visual -, o enunciado ao mesmo tempo é uma parte da realidade social. Ele organiza a comunicação que é voltada para uma reação de resposta, ele mesmo reage a algo; ele é inseparável do acontecimento de comunicação (Medviédev, 2012, p.183).

Analisamos, dessa forma, a segunda camada estilística. Nela é possível perceber que os gêneros do discurso estão intimamente ligados às questões estilísticas, mas que também sofrem influência da primeira camada mais ampla e social. Percebemos que os gêneros utilizam os recursos tecnológicos e os hipertextos para gerar conteúdo multimodal, assim como quebrar a linearidade do texto com a hipertextualidade, isto é, com links com referência a outras páginas da Internet (como no caso da revista *Mundo Estranho*). Analisaremos, por fim, a terceira

camada, e a relevância do estilo intersubjetivo e como as outras camadas se influenciam mutuamente.

#### **4. TERCEIRA CAMADA: O ESTILO INTERSUBJETIVO EM COMENTÁRIOS E CARTA DE LEITORES**

O comentário é o último gênero do *Facebook* que será analisado no presente artigo em relação ao uso das revistas de divulgação científica em tal rede social. Para compreender completamente os comentários, entretanto, é preciso analisar primeiramente como a interação verbal leitor/revista ocorria antes da popularização do uso de tal rede. Os comentários promovem a possibilidade de a responsividade ocorrer no *Facebook*. A maior parte dos gêneros presentes na Internet possuem uma maleabilidade significativa em comparação com os gêneros típicos de divulgação científica em outros formatos, como os de uma revista. No caso das revistas impressas, a responsividade por parte dos leitores ocorre basicamente pelo gênero carta dos leitores. Durante o período inicial de popularização da Internet, o uso da mesma estava mais relacionado a esse tipo de forma na qual o conteúdo das publicação eram menos abertos às respostas dos usuários. Isto é, ao ler um artigo ou nova notícia em um jornal ou portal online, os usuários não podiam tecer comentários, críticas e elogios no setor inferior da página, prática comum a partir da popularização das redes sociais na Internet. Para examinar o modo pelo qual esse percurso histórico alterou os gêneros empregados, analisaremos a publicação de duas cartas dos leitores (no site oficial da *Superinteressante*), para em seguida verificar como a responsividade ocorre de uma forma diferente quando se está em uma rede social como o *Facebook*.

**Eles não bebem, não**

Na Antiguidade, as bebidas fermentadas tiveram seu valor (“10 Mil Anos de Pileque”, setembro). Às vezes, era a única bebida sem impurezas disponível, além de conter nutrientes importantes. Hoje, temos água tratada e nossa alimentação é bastante variada - não precisamos mais do álcool. Aqueles que alegam que um “golinho não faz mal” devem se lembrar de que cada alcoólatra teve um primeiro gole na vida. Qualquer um está sujeito a ter problemas com alcoolismo direta ou indiretamente. Definitivamente, a nossa sociedade não precisa de bebida alcoólica.

Manuel Assis,

no site da SUPER

De acordo com a reportagem da revista, a bebida serviu como meio, catalisador ou encorajamento para: a escravidão no Egito; os massacres romanos, hunos e vikings; os marujos do colonialismo; os sacerdotes da Igreja; a escravidão africana; a revolução feminina; os combates da 2ª Guerra Mundial; e a criação dos EUA. Pensando bem, a história teria sido muito melhor sem a bebida.

Wallace Santana,

no site da SUPER

A revolução feminina é comparável à escravidão africana, Wallace?

Ilustração 3: Cartas de leitores no site da *Superinteressante*

Na ilustração 3 averiguamos a interação verbal promovida entre os leitores da *Superinteressante* por meio do gênero “cartas dos leitores”. Tal gênero do discurso passou a ser empregado no meio digital, deixando de ser publicado exclusivamente nas revistas para ser também publicado nos sites das publicações. Embora tenham sido publicadas no site da *Superinteressante*, percebe-se que as cartas dos leitores seguem ainda um estilo muito semelhante ao das tradicionais cartas de leitores publicadas em revistas. Embora não seja nosso intuito estabelecer comparações exaustivas entre ambas formas de publicação, em linhas gerais se nota um estilo adequado com os parâmetros estabelecidos pela norma culta, as palavras foram corretamente grafadas e estão relacionadas com o tema da reportagem que versava sobre a história das bebidas alcoólicas. Sabe-se do tema (a história da bebida alcoólica), principalmente pela evocação feita em negrito no início “Eles não bebem, não” e pela alusão ao título da matéria publicada “10 mil anos de pileque”.

Deve-se ressaltar, a partir da análise do conteúdo verbal presente na ilustração 3 que: i) a interação verbal se constitui não apenas no posicionamento dos leitores em relação ao conteúdo publicado pela *Superinteressante*, como também na continuação da interação pela resposta dada ao leitor/internauta Wallace Santana, questionando e, em certo grau, polemizando a maneira pela qual ele tornou comparável a escravidão africana com a “revolução feminina”; ii) o conteúdo das cartas divulgadas no site está relacionado ao tema da matéria publicada, assim como a resposta dada ao leitor se enquadra nesse tema; iii) a seleção das cartas tem um caráter importante, há um espaço previamente delimitado que contempla apenas um determinado número específico de cartas a serem publicadas.

A triagem executada pela revista faz com que haja padronização estilística maior do que em outros gêneros digitais como os “comentários” no *Facebook*. Nos comentários há um grau de censura muito mais baixo se comparado ao gênero “carta dos leitores”, possibilitando um número ilimitado de respostas dos usuários. Já nas cartas dos leitores, apenas os enunciados adequados aos padrões editoriais da revista são publicados, isso demonstra como a interação entre as publicações de divulgação científica e seus leitores varia conforme mudanças históricas ocorridas na Internet e nos gêneros do discurso, nesse caso, mais precisamente, nos gêneros digitais. “Os enunciados e seus tipos, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem” (Bakhtin, 2010c, p.268). A historicidade dos comentários se notabiliza igualmente pela “interação e luta com os pensamentos dos outros” expressa no questionamento às comparações feitas na carta enviada pelo leitor Wallace Santana.

O enunciado é pleno de *tonalidades dialógicas*, e sem levá-las em conta é impossível entender até o fim o estilo de enunciado. Porque a nossa própria ideia – seja filosófica, científica, artística – nasce e se forma no processo de interação e luta com os pensamentos dos outros, e isso não pode deixar de encontrar o seu reflexo também nas formas de expressão verbalizada do nosso pensamento (Bakhtin, 2010c, p.298).



Ilustração 4: Postagem de artigo da *Superinteressante*

O discurso de autoridade, a brevidade do enunciado e a hipertextualidade são algumas das propriedades discursivas características das publicações de divulgação científica no *Facebook*. A *Superinteressante*, entretanto, tem um perfil completamente diferente da *Scientific American Brasil* em como abordar temas científicos e, sobretudo, de quais tópicos preferencialmente abordar. É frequente a recorrência de temas controversos e polêmicos entre os quais: aborto, religião, política e, entre eles, sexo (ilustração 4). Mesmo temas de áreas como física e matemática são frequentemente tratados de uma maneira capaz de cativar um público alvo mais amplo, não apenas o público comumente interessado em ciência. O fato de a *Superinteressante* ter objetivos comerciais de venda a um público maior certamente influencia a revista impressa e,

por consequência, reverbera no teor do conteúdo postado nessa página. Esse conteúdo, entretanto, é embasado no discurso de autoridade, isto é, no argumento científico ao qual é atribuído a origem da afirmação de que sexo no primeiro encontro não traz prejuízos ao namoro: “É o que diz a ciência”.



Ilustração 5: Comentários e réplicas dos usuários à postagem da *Superinteressante*

A ampliação do público leitor e o direcionamento temático rumo à postagens capazes de instigar a opinião de uma gama maior de usuários resulta em comentários muitas vezes distantes do conteúdo científico como pode ser examinado na ilustração 5. Ademais, verifica-se que, por não haver forte controle e censura dos comentários, muitas vezes os comentários podem aparecer com erros de grafia e simplificações que dinamizem a digitação como “comercio” “cancer” e “até”, letras em caixa baixa (no comentário de Linda Chris), abreviações (“q” ao invés de que, “n” no lugar de não), repetições de vogais e pontuação para enfatizar a expressividade do enunciado “dia” e “???” , assim como as típicas risadas na Internet “kkkk”. Esse tipo de desvio da gramática culta é evitado em outras formas de interação verbal entre leitores e revistas como nas supramencionadas cartas de leitores. Em termos discursivos, é ainda mais pungente a maneira pela qual o mérito científico é discutido nos comentários elaborados pelos usuários. Os resultados da ciência divulgados por tais páginas passam pela avaliação crítica dos usuários.

Os elementos supramencionados são exemplos de como o estilo se relaciona com posicionamento responsivo do autor frente a outros sujeitos-autores, isto é, também depende da intersubjetividade (terceira camada). Ao fazer determinadas escolhas lexicais, alto uso de abreviações e *emoticons* em um comentário, o internauta pode revelar características expressivas, entre eles, um menor grau de formalidade e simultaneamente se diferenciar de outros comentários com estilo mais regular em relação à norma culta. Tal reflexão não se restringe ao estilo dos gêneros digitais, mas também pode ser empregada nos gêneros do discurso tradicionais. Em gêneros literários é esperado que haja algum grau de estilo distintivo, em muitos casos tal estilo pode até ser consagrado no cânone literário, como o estilo homérico, proustiano *etc.* Nos gêneros do discurso típicos da burocracia, entretanto, as possibilidades de um estilo singular florescer é mitigado. Silveira (2008) afirma que “todo esse léxico formal e abstrato que aparece nos ofícios integra esse gênero no chamado estilo oficial que se expande para outros gêneros peculiares à burocracia estatal e empresarial” (p.226). Em muitos outros casos, o próprio gênero do discurso é totalmente estruturado para evitar subversões estilísticas. Na Internet, por exemplo, para entrar no *Facebook* e em outras redes sociais como *Twitter*, *Pinterest* e *Google +* necessitamos

preencher o gênero cadastro para se tornar um membro da rede. Assim, os gêneros digitais (segunda camada) podem possibilitar maior ou menor grau de autonomia estilística aos autores, tanto os fatores contextuais e a esfera de produção do enunciado (primeira camada), quanto o posicionamento intersubjetivo dos diversos autores (terceira camada) geram a diversidade estilística presente na divulgação científica e em outras atividades discursivas na Internet.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O exame das questões estilísticas advindas das obras bakhtinianas nos permitiu elaborar um esquema de análise estilístico em três camadas: i) o estilo situado dentro dos aspectos sócio-históricos; ii) o estilo do gênero e iii) o estilo intersubjetivo.

O estudo das três camadas nas páginas do *Facebook* das revistas *Superinteressante* e *Scientific American* possibilitaram a averiguação da porosidade e mútua influência entre os três diferentes estratos estilísticos. Os avanços tecnológicos, o aumento do uso do humor e entretenimento na esfera jornalística foram um dos exemplos que demonstraram a influência do horizonte social mais amplo nos gêneros digitais analisados (postagens, comentários e capa).

Redes sociais como o *Facebook* valem-se da responsividade dos usuários para que os conteúdos criados por diferentes páginas e membros da rede não sejam estanques e possibilitem a interação verbal direta entre eles. No caso das revistas tradicionalmente impressas, o espaço para que os leitores pudessem enviar questionamentos era restrito às cartas de leitores. O estilo das cartas dos leitores, entretanto, é mais homogêneo do que os comentários no *Facebook*, pois não há limite para número de comentários e o grau de censura de conteúdo é menor do que na revista impressa. Por fim, ressaltamos que a segunda camada (o estilo do gênero) tem uma forte influência na possibilidade de haver possibilidade de um estilo pessoal. Romances, comentários e réplicas no *Facebook* são gêneros nos quais os autores do enunciado se expressam não apenas na dimensão ética e discursiva, como também pela adoção de um determinado estilo. Por outro lado, ofícios e formulários de cadastro são gêneros nos quais o papel do estilo autoral tendem a ser mitigados.

#### REFERÊNCIAS

- Agostinho. 1990. *Confissões*. Braga: Livraria Apostolado da Imprensa.
- Aristóteles. 2005. *Órganon*. Bauru: Edipro. pp. 39-80.
- \_\_\_\_\_. 2008. *Poética*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- \_\_\_\_\_. 2011. *Retórica*. Tradução do grego, textos adicionais e notas de Edson Bini. São Paulo: Edipro.
- Bakhtin, M. 2010a. *A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais*. Trad. de Yara Frateschi Vieira. 7. ed. São Paulo: Hucitec.
- \_\_\_\_\_. 2010b. O autor e a personagem na atividade estética. In: *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, p. 3-186.
- \_\_\_\_\_. 2010c. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, p. 261-306.
- \_\_\_\_\_. 2008. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- \_\_\_\_\_. 1998a. O discurso no romance In: *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. F. Bernardini et al. 4. ed. São Paulo: UNESP, p.71-164.
- \_\_\_\_\_. 1998b. O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária In: *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. F. Bernardini et al. 4. ed. São Paulo: UNESP, p. 13-57.
- \_\_\_\_\_. 1997. *O problema do texto in: Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bakhtin, M.; Volochínov V. N. 2010a. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 14. ed. São Paulo: Hucitec.
- \_\_\_\_\_. 2010b. O freudismo: um esboço crítico. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- Chklovski, V. 1970. A arte como procedimento. in: *Teoria da literatura: formalistas russos*. Porto Alegre: Globo.
- Cícero. 2005. *Retórica a Herênio*. Trad. Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra. São Paulo: Hedras, 2005.

Fontaine, Jacqueline. 1978. *O Círculo Linguístico de Praga*. São Paulo: Cultrix ; Edusp.

Frissen, Valerie. 2015. Playing with bits and bytes: the savage mind in the digital age. in: Frissen, Valerie; et al. 2015. *Playful identities: the ludification of digital media cultures*. Amsterdam: Amsterdam University Press.

Grillo, S. V. C. 2013. *Divulgação Científica: linguagens, esferas e gêneros*. Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do título de livre-docente. São Paulo: Universidade de São Paulo.

Kfourri, J. 2006. Coragem de Mudar. in: Tavares, M; Faria, G. (Org.). *CBN, a rádio que toca notícia: a história da rede e as principais coberturas, estilo e linguagem do all news, jornalismo político, econômico e esportivo, a construção da marca, o modelo de negócio*. Rio de Janeiro: Senac.

Künsch, D. A. 2009. Apresentação. in: Marques, A. Costa. C. T.; et al. *Esfera pública, redes e jornalismo*. Rio de Janeiro: E-papers.

Lipovetsky, G. 2000. *La era del vacío: Ensayos sobre el individualismo contemporáneo*. Trad. Joan Vinyoly ; MichèlePendanx. Barcelona: Anagrama.

Nelson, Mark Evan; Hull Glynda A. 2008. Self-representation through multimedia: A Bakhtinian perspective on digital storytelling. In: Lundby, Knut. 2008. *Digital storytelling, mediated stories: self-representation in new media*. New York.

Machado, F. S. 2012. *Hipertextualidade: uma abordagem bakhtiniana sobre relações dialógicas entre enunciados em rede*. 2012. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Medviédev, P. N. 2012. *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. Trad. Ekaterina Vólkova Américo, Sheila Camargo Grillo. São Paulo: Contexto.

Munari, A. C. 2011. Literatura e internet. *O Cotidiano das Letras: Anais, XI Semana de Letras*. Porto Alegre: Edipucrs.

Pereira, Maria Helena da Rocha. 2008. Prefácio in: Aristóteles. *Poética*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Poe, Marshall. T. 2011. *A History of Communications: media and society from the Evolution of Speech to the Internet*. Cambridge: Cambridge University Press.

Possenti, S. (1998). *Os humores da língua: análises linguísticas de piadas*. Campinas, SP: Mercado de Letras.

Platão. 2009. *A República*. São Paulo, SP: Martin Claret.

Quintiliano de Calahorra. 2001. *Obra completa*. Trad. Alfonso Ortega Carmona. Salamanca: Universidad Pontificia, 2001.

Silveira, M. I. M. 2008. O burocratês: análise à luz de uma gramática retórica. *Revista da ABRALIN*, v. 7, n.1, jan./jun., p. 215-258.

Vaughan, William. 2005. History of Art in the Digital Age: Problems and possibilities. in: Bentkowska-Kafel, Anna; Cashen, Trish; Gardiner, Hazel. 2005. *Digital Art History. A subject in transition. computers and the History of Art*. Bristol: Intellect.

Webster, F. 2006. *Theories of the information society*. London: Routledge.

